

Comunicação e tecnologia na sociedade: uma dimensão transversal¹

Communication and technology in society: a transversal dimension

Entrevista com BERNARD MIÈGE *
Por Elizabeth Saad Corrêa **

A REVISTA MATRIZES TRAZ na segunda edição da seção **Entrevista** o professor Bernard Miège, com uma contribuição sobre a relação entre comunicação e tecnologia na sociedade contemporânea. O conjunto de perguntas que elaboramos pretendeu apresentar uma reflexão, sob a ótica de Miège, sobre as transformações que o campo da Comunicação vem vivenciando desde a consolidação das TICs (tecnologias digitais de informação e comunicação) como um dos principais vetores de produção e de consumo da informação no século XXI. Para contextualizar as ideias de Miège e ampliar o espectro de suas propostas, apresentamos ao longo do texto uma sucessão de «hiperlinks» textuais (e lineares por força do suporte) sobre seu pensamento.

MATRIZES: Para iniciarmos nosso diálogo, partimos de sua visão mais ampla do termo «sociedade da informação»² e o respectivo impacto na sociedade contemporânea e no campo da Comunicação em particular. O conjunto de qualificativos associados ao termo traduz uma dimensão transversal associada às relações comunicacionais decorrentes do mundo digital.

Assim, devido ao predomínio das TICs³, não há mais uma visão universal do campo da Comunicação, nem mesmo uma delimitação. Como o senhor discute a delimitação contemporânea do campo?

Bernard Miège: Essa é uma questão decisiva, mas a resposta não é fácil e nem simples. Como não tenho, porém, uma visão extensiva da comunicação, posso tentar oferecer uma resposta a isso. Para mim, a comunicação moderna – o que chamo de comunicação/informação –, não abrange a comunicação que

* Professor emérito de Ciências da Informação e da Comunicação da Universidade de Stendhal-Grenoble, França. Sua obra versa sobre teorias da Comunicação, indústrias culturais e tecnologias de informação e comunicação.

** Professora titular do Departamento de Jornalismo e Editoração – ECA-USP, docente do PPGCOM-USP, pesquisadora nas áreas de Comunicação Digital e Jornalismo Digital.

1. Entrevista realizada em abril de 2009 por ocasião da visita de Bernard Miège ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo

2. Miège considera sociedade da informação como um sintagma forte que se impõe no cotidiano, e, exatamente pelo uso massivo do termo, exige uma clara compreensão de uma sucessão de fatores que constituem sua essência. É importante lembrar que estão associados e correlacionados à expressão outros qualificativos como sociedade da comunicação,

E

do conhecimento, do controle, das redes, dos saberes, da vigilância, da ubiquidade, entre outros.

Para o autor, entender o campo da Comunicação no contexto da sociedade da informação requer a compreensão dos seguintes fatores-chave: a informatização; a promoção das tecnologias e das redes como fator dominante ao conteúdo; a modificação e a expansão dos sistemas midiáticos; e o controle transnacional do fluxo de informação e comunicação.

3. Miège considera as TICs como uma inovação de ruptura essencial à compreensão do processo de informação/comunicação contemporâneo. As TICs constituem um amplo corpo de inovações como: a digitalização de (quantidades significativas) de dados e o seu tratamento, a compressão dos sinais na transmissão em rede, a miniaturização dos componentes e o tratamento, a visualização e a modelização dos dados, incluindo todas as possibilidades de interação.

4. Miège propõe o termo «comunicação midiaticizada» para introduzir o papel das TICs nos processos de comunicação, não como um elemento redutor de oposição entre as mídias de massa (consideradas bastante diretivas em seu discurso e unidirecionais) e as mídias digitais (onde as TICs possibilitam a emergência da *self media*). A comunicação midiaticizada é muito mais ampla e complexa, configurando novos sistemas de comunicação nos quais os principais atores são não apenas os grandes conglomerados comunicacionais, os

ocorre entre os seres humanos. A comunicação/informação é algo que começou a se desenvolver no meio do século XX, e podemos chamar de «comunicação midiaticizada»⁴. De certa forma, claro que não podemos separá-la da comunicação humana. No início, comecei a chamá-la de comunicação moderna, mas hoje prefiro tratar como comunicação/informação, pois acredito ser necessário articular o processo da comunicação à informação. A comunicação não pode ser considerada por si só, pois há muitas maneiras de enxergá-la. A comunicação pode ser considerada ou utilizada, por exemplo, como gestão da sociedade por parte das grandes organizações, pelas empresas e pelo poder político. Isso não significa, no entanto, que a comunicação seja somente ideologia ou fenômeno de manipulação. Ela permite aos indivíduos trocarem informação de maneiras diversas, por isso articulo comunicação/informação. Com o desenvolvimento das TICs, os relacionamentos entre os atores se aperfeiçoaram, e desde a segunda metade do século XX, as técnicas fazem parte da sociedade e de sua continuidade.

MATRIZES: Diante de suas explicações, podemos afirmar que, com as TICs, existe uma ênfase maior para a comunicação midiaticizada do que para aquela que ocorre por meio dos processos de mediação. Que diferença o senhor vê entre essas duas formas?

Miège: Sim, faço distinção entre elas. A midiaticização não cobre todos os fenômenos da comunicação. O fenômeno da mediação existe nas sociedades há muito tempo nos âmbitos cultural, social, político e jurídico. Não se confunde mediação cultural com midiaticização cultural, por exemplo. A comunicação/informação refere-se à midiaticização⁵.

MATRIZES: Considerando o predomínio da comunicação midiaticizada em nossa sociedade e, conseqüentemente, a competência no uso das TICs como essencial, qual seria o perfil do profissional dessa comunicação contemporânea? Como ele entra hoje no mercado?

Miège: O desenvolvimento das TICs tem sido acompanhado pela profissionalização. O diploma dado nas universidades tem como função legitimar este novo profissional. É difícil esclarecer esse problema do perfil e da formação. Tenho percebido empiricamente durante toda minha carreira de professor como é diferente o que o aluno desenvolve e mostra no curso e o emprego que ele vai ter, o tipo de trabalho que vai desenvolver no mercado. Sempre fiquei surpreso com as atividades que os alunos desenvolviam anos depois, tão diferentes dos projetos deles na academia. Minha carreira de professor começou quando surgiram os primeiros empregos para profissionais na área de comunicação.

Com o tempo, constatei que existem diferentes profissões dentro da comunicação e que elas são complexas. Há oposições e controvérsias, mas, globalmente, um dos sinais da importância da comunicação e de uma formação é justamente a profissionalização. E, mais importante, todas as atividades comunicacionais realçam como está o mercado hoje. Bom, nem todas, claro, pois há associações que têm setores e atividades de comunicação e não podemos considerá-las como sendo do mercado. Mas, especialmente, tudo o que envolve técnica está ligado ao mercado. Só que antes não era assim. Além do mercado, os profissionais poderiam também considerar como opção de trabalho o governo, o âmbito político etc.

Os usuários não têm ideia clara sobre a técnica. Por exemplo, muitas técnicas de diferentes áreas são questionadas do ponto de vista ecológico. Mas as de informação não. Elas são absorvidas com naturalidade e há, em geral, uma posição favorável às técnicas de informação e comunicação, sem questionamento por serem cobradas. Não nos damos conta de que pagamos pelo conteúdo, por isso ele deveria nos chamar mais a atenção do que o equipamento ou o meio em si. Posso dizer que a comunicação se tornou fenômeno de mercado e de indústria nos últimos 30 anos.

MATRIZES: Com todas as transformações que vêm ocorrendo no campo da Comunicação, e que o seu trabalho analisa detalhadamente, surge a questão da formação acadêmica e profissional. Como o senhor estrutura a formação do comunicador no cenário atual? É mais instrumental ou teórica?

Miège: Esse é um balanço ao qual ainda não chegamos. O mercado exige formação técnica, mas aí o profissional fica falho na teoria. É um debate que percorre as universidades e as respostas são diferentes em cada país. Em alguns, coloca-se a formação fundamental teórica como formação humanitária e, por outro lado, a técnica, utilitária, na gestão das ferramentas. Na França, não fizemos essa escolha. Normalmente, unimos formação fundamental com técnica e profissional. É uma boa solução, mesmo que nem todas as universidades tenham optado por isso, porque nem sempre é fácil colocar currículos em funcionamento, sempre há tensões e conflitos. Esses vêm principalmente das profissões que aceitam, a princípio, essa ambivalência na formação profissional – teórica e prática –, mas mesmo assim, às vezes, há questionamentos. Conheci pessoalmente dificuldades desse tipo. E espero que essa questão não retroceda, que não se privilegie uma formação ou outra. Seria um passo atrás. Há ainda as pessoas que vêm de formação como Direito, Economia e outros, que se interessam pela Comunicação e podem fazer um *master* nas universidades. Antigamente, era essa a situação mais comum.

construtores materiais e o Estado, mas também as diferentes categorias de usuários considerados como atores estratégicos desse novo processo.

5. As diferenças entre midiática e mediação indicadas por Miège se constituem num ponto central de suas proposições. Por outro lado, não considera os dois processos comunicacionais como divergentes e/ou opostos. Ao contrário, propõe uma visão de complementaridade e re-enquadramento, no quais os fenômenos midiáticos intermediados pelas diversas instâncias de mediação social passam também a ter uma intermediação por meio dos veículos suportados pelas TICs. O autor discute em seu livro mais recente (vide bibliografia ao final da entrevista) diferentes e convergentes olhares sobre o processo de midiática da comunicação – dos meios da comunicação, da pedagogia e da esfera pública, entre os principais – e reforça conclusivamente a centralidade da comunicação midiática no contexto da sociedade da informação. Os processos comunicacionais que trafegam no mundo das TICs (ou a comunicação digital, se quisermos cunhar o termo) não se referem apenas às diferentes modalidades de inserção e relações sociais, mas sobretudo, àqueles decorrentes das ações comunicacionais. Miège abre em suas proposições a perspectiva da *web 2.0* como um fenômeno comunicacional típico da comunicação midiática, por meio de sua capacidade de apreensão e inclusão do processo de recepção e da relação entre receptores.

Constato que globalmente há universidades que oferecem formação universitária em Comunicação, porém, a formação é mais fácil no nível de pós-graduação. Entretanto, para que ela funcione, é preciso ter o desenvolvimento de pesquisa de qualidade e em quantidade. A comunicação/informação precisa produzir trabalho de pesquisa no mesmo nível das outras áreas. Países que não desenvolvem pesquisa em comunicação/informação não têm grande coisa a oferecer, nem para os estudantes, nem para os profissionais e muito menos para o público.

MATRIZES: A pesquisa comunicação/informação envolve temas transdisciplinares, com a inclusão de novos saberes, especialmente nos aspectos da tecnologia e sua relação com os modos de comunicar. A pesquisa sobre TICs acaba não sendo incentivada...

Miêge: Pode surpreender hoje os novos alunos ou os professores, mas há uma adaptação permanente, não à modernidade cultural, conceitual, mas às práticas e às ferramentas. As universidades têm dificuldade por isso, porque é difícil acompanhar.

A rede digital tem uma presença ampla e já quase imperceptível. Isso leva a dois pontos. Um, à ampliação da participação coletiva na rede, mais gente torna-se produtor de conteúdo, além de utilizá-la como fonte de informação. Dois, a rede tão presente começa a ser um elemento da esfera privada. É um novo estado de relações. Na área de comunicação, nós, pesquisadores e profissionais, dizemos que as ferramentas que utilizamos para lazer são as mesmas para o trabalho. A *web 2.0*, por exemplo, é instrumento de trabalho, lazer e também de espaço público.

É isso que seduz nas TICs. É que faz com que pessoas sem formação técnica, como as crianças, a dominem. Somos autodidatas no uso das ferramentas da comunicação. É verdade também que novas formas de comunicação que usamos para lazer, tendem a se impor para o trabalho. As TICs nos incentivam a trocar mais e mais informação, a nos integrarmos em grupos, e não há, para isso, necessidade de aprendizagem do ponto de vista formal.

MATRIZES: A comunicação hoje é praticamente incorporada ao que chamamos «ser social». O nível de mobilidade que temos é enorme, e quase podemos falar em «seres conectados». Há ruptura da estrutura, o polo de emissão fica coletivo?

Miêge: Sim, a mídia clássica foi fundada em uma visão unidirecional. Mas a TV de massa, o rádio, a imprensa, de forma geral, acompanharam o desenvolvimento das TICs. Hoje é difícil compreender o que era o funcionamento

da TV nos anos 1960, 1970. O telespectador não aceitará mais as transmissões unidirecionais. O domínio midiático torna-se mais e mais complexo, se diferenciou e se interpenetra. Mesmo as grandes mídias não têm mais a mesma forma de antes.

MATRIZES: Em seu livro⁶, você fala de processos para o enraizamento social das TICs⁷. Qual desses processos você considera mais importante?

Miège: Não é possível destacar um como o mais importante do que o outro. No discurso de um especialista, um *publicist*, a comunicação é o mais importante. Não escolheria nenhum processo, ao contrário, insisto que são dinâmicos um e outro. Esses processos se articulam na mediação técnica, na mediação social. Os atores envolvidos não optam por um ou outro. A articulação das técnicas e o enraizamento social é que devem ser considerados.

MATRIZES: Qual a influência da economia política e dos estudos culturais na comunicação? Como eles se casam, ou não, na sua visão?

Miège: Minha abordagem é sempre aquela da economia política da comunicação. Não sou daqueles que se centra apenas nos elementos econômicos e de dominação, por mais importantes que sejam. A minha é uma visão de economia e, também, de desenvolvimento do espaço público e de técnicas de comunicação/informação. Não considero como três domínios diferentes a indústria da cultura, a fragmentação do espaço público e o enraizamento das técnicas de comunicação/informação. Evidentemente isso me leva, diferentemente de outros autores, a ter uma visão mais sistêmica, e acabo por levar em conta todos os aspectos econômicos, bem como os sociais e políticos. Não se pode considerar somente os autores que fazem coisas diferentes, mas perceber que eles também têm uma visão global dos principais aspectos.

MATRIZES: Para fazer pesquisa de comunicação contemporânea há que se fazer inter-relação entre teorias. Frequentemente, enquanto pesquisadores, encontramos dificuldades em buscar um único recorte teórico-metodológico quando falamos de comunicação/informação. Qual a sua visão sobre isso?

Miège: As aproximações teóricas diferentes se justificam desde que esses pesquisadores e autores consigam dialogar. Nunca defendi uma só epistemologia na pesquisa de comunicação. Espero jamais ter imposto qualquer procedimento. Critico visões que parecem inadequadas em conjunto, mas sempre defendi discussões bem documentadas. É um grande risco criar disciplinas sem diálogo com outras.

6. *Les Tic entre innovation technique et ancrage social*, lançado em 2009 pela Paulus com o título *A sociedade tecida pela comunicação - Técnicas da informação e da comunicação: entre inovação e enraizamento social*

7. Miège apresenta uma abordagem diferenciada para o que chama de "enraizamento" social. Defende o uso da expressão em detrimento de termos como «inserção social» ou «inclusão social», considerados por ele mais vinculados aos modos sociais de inclusão informacional e de saberes. Miège parte dos conceitos de enraizamento expressos pelo pesquisador Serge Proulx, que enfatiza a formulação de uma teoria sobre as formas de absorção e uso das TICs pela sociedade. Miège propõe um conceito de enraizamento social para além do uso, como um conjunto de sete processos: a informacionalização, a mediatização da comunicação, a ampliação do campo midiático, a mercantilização das atividades comunicacionais, a generalização das relações públicas, a diferenciação das práticas e a circulação em fluxos e transnacionalização das atividades.

Há muitos colóquios fundamentados sobre uma visão extremamente particular. Quem pode ter certeza de que sua aproximação epistemológica e metodológica é a única? Ninguém. Não tenho muita segurança em projetos fechados que impõem aproximações teóricas particulares.

Acrescento ainda que, quando se coloca à frente o trabalho empírico, me parece relativamente mais fácil para se comunicar com outros pesquisadores. O diálogo é mais difícil quando os autores se contentam em apresentar coisas que precisam ser verificadas.

MATRIZES: Para finalizar, colocamos uma questão que o senhor apresentou na conferência de abertura aqui no PPGCOM: a de que sempre se definiu não como pensador da comunicação, mas como alguém que tenta validar as hipóteses da comunicação. Quais são essas hipóteses?

Miêge: Muito frequentemente há pensadores que não são pesquisadores. Isso não se justifica mais. Fico surpreso com a fama de alguns desses pensadores do meu país em outros lugares do mundo. Um pesquisador precisa sempre ter hipóteses e é obrigado a responder essas questões, confirmá-las ou não. É um raciocínio circular. Meu objetivo, portanto, é verificar a comunicação/informação em toda sua complexidade e como ela faz a gestão das sociedades, das organizações e qual o seu papel na sociedade hoje. Isso tanto nas organizações, como na vida pública, no debate das questões da sociedade e também na vida pessoal. E não precisa ser pesquisador para validá-las. Elas estão aí.

Os fenômenos da comunicação são sempre explosivos, sempre em movimento, é difícil de parrear um e outro. Por isso tenho interesse em trabalhar com jovens e estudantes, pois são sensíveis aos efeitos da inovação, e chamam minha atenção sobre elementos importantes dela. **M**

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Em francês

La pensée communicationnelle, Grenoble: PUG, 1995.

La société conquise par la communication, tome 2 : La communication entre l'industrie et l'espace publique, Grenoble : PUG, 1997.

La société conquise par la communication : tome 3, Les Tic entre innovation technique et ancrage social, Grenoble : PUG, 2000.

L'information – communication, objet de connaissance, Bruxelles : Éditions De Boeck, 2004.

Em português

Pensamento comunicacional. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

A sociedade tecida pela comunicação: Técnicas da Informação e da Comunicação: entre inovação e enraizamento social. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

